

FLORBELA ESPANCA, UMA VIDA PERDIDA NA NEUROSE

Trabalho de licenciatura no âmbito da disciplina de Psicoterapias Dinâmicas
2005

Lídia Craveiro

Licenciada em Psicologia Clínica, pela Universidade de Évora em 2007

Email:

lidiacraveiro@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objectivo, relacionar aspectos da vida da autora com a sua obra e, com eles fazer uma conceptualização de caso. Florbela Espanca padeceu a vida inteira dum *mal*, que refere ao longo de toda a sua obra poética, o qual, os biógrafos que se debruçaram sobre a sua existência conturbada, apontaram como causa da morte. Com base numa biografia e outros documentos sobre a poetisa, coloco uma hipótese de diagnóstico que procuro ilustrar com excertos da sua obra literária.

As *imagens* das diversas fases da sua vida, e dos aspectos psicológicos relevantes para o desenvolvimento da doença fatídica, são o tema deste ensaio, baseado na teoria dinâmica/psicanalítica, que estuda os processos mentais do indivíduo, conscientes e inconscientes, nas interacções com os objectos da vida real e fantasmática.

Palavras-chave: Florbela Espanca, vida, obra, neurose, depressão

1 - UMA BREVE BIOGRAFIA

“ Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes desconidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou julguei ser. E realize o que eu não pude: conhecer-me.”

Florbela Espanca, In Diário do último ano

Florbela Espanca nasceu no Alentejo, em Vila Viçosa, a 8 de Dezembro de 1894. Filha ilegítima de uma *criada de servir* e de João Espanca, fotógrafo e negociante, que viajava pelo mundo em busca de imagens e de antiguidades com as quais governava a vida.

Da mãe, sabe-se que foi uma conquista de João Espanca a quem o prazer de seduzir mulheres era um jogo para medir forças com a própria sedução. Bela foi registada como filha de pai incógnito, marca social ignominiosa, mas comum na época, que haveria de a marcar profundamente, apesar de ter sido educada e criada pelo pai e pela madrasta Mariana Espanca, mais conhecida por Mariana Inglesa, ou Mariana Toscano, de origem italiana, de quem se dizia ter um porte esbelto e feitio genioso.

O romance de Antónia Lobo, com João Espanca, durou cerca de sete anos, resultando no nascimento de mais uma criança do sexo masculino, a quem chamaram Apeles. Foi registado da mesma forma que Florbela, sendo criado de igual modo, em casa de João Espanca e da esposa. Esse irmão foi a figura mais importante na vida de Florbela. Apeles é mais novo que Florbela três anos. Depois da morte do irmão, Bela nunca mais conseguiu recuperar, afundando-se numa tristeza ainda maior do que aquela que a consumiu a vida inteira.

Em Outubro de 1899, Florbela começa a frequentar o ensino primário, passando a assinar Flor d'Alma da Conceição Espanca (algumas vezes opta por Flor, outras por Bela). Em Novembro de 1903, aos sete anos de idade, Florbela escreve a sua primeira poesia “ A Vida e a Morte”, mostrando um talento precoce e anunciando a opção por temas, que virá a abordar de forma mais complexa, mas sempre com uma tónica de exaltação e sofrimento.

Conclui a instrução primária em Junho de 1906. No ano seguinte manifestam-se os primeiros sinais da doença que a vai acompanhar até ao suicídio: a depressão. Escreve o seu primeiro conto,

segundo algumas biografias, de nome “Mamã”. Em 1908, a mãe Antónia Lobo morre, vítima do mesmo mal que já atingiu a filha: uma neurose. Após esse fatídico acontecimento na vida de Bela, a família desloca-se para Évora, com o propósito de a menina completar os estudos no Liceu André Gouveia, que termina em 1912. No ano anterior conhece Alberto Moutinho que viria a ser o seu primeiro marido. Em 1913 o pai emancipa-a e, casa-se com ele pelo civil aos 19 anos.

Vivendo com algumas dificuldades económicas, o casal muda-se para o Redondo, na serra D’Ossa onde abre um colégio e lecciona. É aqui que Florbela começa a dar asas à vida que ambiciona. Recita nas festas do colégio, e começa a perseguição do seu reconhecimento como poeta, pela vida fora, que só viria a alcançar depois de morrer.

Apesar das dificuldades económicas Bela completa o ensino Liceal, e inscreve-se na Universidade para cursar direito. Começa a contactar com a vida boémia de Lisboa, onde o Modernismo começa a despontar, mas, ao que parece Bela se manteve alheia. Ser poeta era o seu objectivo, pois “*ser poeta é ser mais alto...*”, e essa *altura* era a sublimação do sofrimento, através do brilho da glória.

Depois de um aborto em 1919, muda-se para Olhão terra do marido, para recuperar de sintomas sérios de depressão. O casamento desfaz-se e Florbela vai para Lisboa. Prossegue o curso e conhece a rejeição da sociedade. Referem algumas das biografias que se vestia como homem, e que chegou a ser insultada pela multidão em pleno Chiado. Em 1921 casa com António Guimarães, com quem passa a viver em Matosinhos. Em 1923, volta a Lisboa, mas sofre novo aborto. Separa-se do marido, a quem pede o divórcio. A família corta relações com ela durante dois anos.

A tristeza de Bela acentua-se. Conhece Mário Lage, médico que a tratou dos seus males e em 1925, depois de se ter mudado para a sua residência, casa com ele, primeiro pelo civil e depois pela igreja. Faz traduções para a Livraria Civilização no Porto. O irmão morre, ao que parece num mergulho no Tejo com o avião em que voava. Esse acidente é sugerido em algumas biografias, como desgosto pela morte de uma noiva misteriosa, e que os mais afoitos nas coisas do pensamento, alvitram ser o amor perdido da irmã, com quem nunca poderia casar. Bela nunca mais foi a mesma. Escreve as “Máscaras do Destino”, inspiradas pelo acontecimento trágico. A relação com Mário Lage deteriora-se e desvanece-se. A depressão de Bela agrava-se bastante. Apaixona-se pelo pianista Luís Maria Cabral, a quem dedica dois poemas, “Chopin” e “Tarde de Música”. Tenta suicidar-se. Em 1929, vê recusada a sua participação num filme de Jorge Brum do Canto, e segue para Évora, onde em 1930, começa a colaborar na revista Portugal Feminino e Civilização. Trava conhecimento com Guido Batteli, que se oferece para publicar “Charneca em Flor”. Já em Matosinhos, de novo na casa do marido, Florbela revê as provas do livro, depois de uma segunda tentativa de suicídio. Em Outubro e Novembro de 1930 a depressão agrava-se muito e começa a sofrer de um edema pulmonar. A 7 de Dezembro, véspera do dia em que faz 36 anos, Bela suicida-se com dois frascos de *Veronal*. É enterrada no dia do seu aniversário. Desaparece a poetisa de “*Eu quero amar, amar perdidamente!...*”.

A sua vasta obra tem sido alvo de muitas interpretações, quer de curiosos e amantes literários, quer da comunidade científica ligada aos desígnios da mente, tais como psicólogos, psiquiatras e psicanalistas.

2 - AS RELAÇÕES DE OBJECTO NA FORMAÇÃO DO “EU”

A primeira relação de objecto, a que se estabelece com a mãe ou substituta, é fundamental na estruturação da personalidade. No caso de Bela, o problema é mais complicado, pois existiram duas mães, a biológica e a que criou, e mais tarde na adolescência outra. A mãe, criatura também triste, tinha-se submetido à vontade de João Espanca e foi morar numa casa que ele lhe montou, ficando *por conta* dele, como diziam as gentes da época. Esse *ficar por conta*, não era mais que uma sujeição na qualidade de amante, logo negando a sua existência aos olhos da sociedade, a negação do outro, característica narcísica.

Duas mães para uma só filha. Disputada por uma que a amava, e outra que a queria erguer para o pai como *troféu*, algo a que não podia chegar por meio natural. “*Como se fosse nossa filha*”, terá dito Mariana Inglesa a João Espanca. A criança é retirada à mãe e vai viver com o pai e a madrasta. Diz a biografia de Agustina Bessa Luís, que durante algum tempo, Antónia por certo iria amamentar a filha depois da morte da ama de leite. Assim Bela teve durante algum tempo duas mães só para si. Na realidade não tinha nenhuma. A biológica que deveria ser a protagonista da vida da criança, estaria impossibilitada de o fazer, sempre com a ameaça da outra pairando sobre ela, e a possibilidade de nunca mais ver a filha. O pai manteve-se à distância, ficando oculto, sob o ídolo erguido pelas duas: o bebé, que serviu na disputa do seu amor.

Florbela deve ter tido uma relação oral frustrante, sendo disputada por duas mães, mas que a deixavam muito só e confusa. Portanto, a ausência da figura materna, que dá amor, contacto físico, segurança, e que contribuiu para um *Eu* forte e seguro, ficou muito aquém do que seria desejado. Ficou a semente da neurose e a falha narcísica que se manifestaria muito cedo, numa tristeza por vezes quase vital, e noutras numa exaltação, como se observa ao longo da sua obra nos diversos sonetos.

A madrinha Mariana, mulher tão exigente quanto esperta, para utilizar Florbela para segurar o pai, vivia numa ambivalência em relação à menina. Ora exaltando a sua graça, ora falando dela como um demónio. Bela teria por volta de dois anos e era alvo da ira de Mariana, que maldizia a sua sorte por ter que criar a filha bastarda da criada. Numa primeira fase que corresponderia à fase oral, a imagem da mãe foi seguramente insuficiente, para assegurar um desenvolvimento do *Eu* normal, e dentro da realidade. O alheamento como fuga à realidade tornou-se um padrão na vida de Bela, através dos seus ideais. O *ideal do Eu* foi exacerbado, através dos seus apetites vorazes em busca de

amor, para combater a falha existente. A constância do objecto maternal não era a desejada, pois não assegurava uma identificação primária consistente, uma vez que estava dividida entre duas mães. Como casal, e numa fase de identificação posterior (secundária), mais do âmbito familiar, o casal também não apresenta traços nítidos, de fronteiras e limites, que sejam claramente identificáveis para a criança. O pai era homem de aventuras e amores, a moralidade, não imperava naquela família, unida por contornos e laços difusos. Tudo isto fez com que Florbela ficasse para sempre desequilibrada, com tendência para uma insanidade psíquica, que vai da cólera à busca constante do amor do objecto primário.

Na impossibilidade de se vincular a uma só mãe, Florbela vira-se para o pai ainda na meninice. Entre o nascimento e a puberdade conhece *três mães* (Antónia Lobo, Mariana Toscano e Henriqueta Silva), que lhe dão um carinho, desprendido de sentimento. Era quase como uma cumplicidade, que se vai reflectir na vida de Florbela na forma como encara as suas relações afectivas. No pai busca a confirmação do amor, mas também aqui, falha, pois João Espanca verá sempre a filha como o prolongamento da traidora (Antónia Lobo) que fugiu com outro. Não a reconheceu como filha legítima, apesar de a ter criado, deixando Florbela para sempre no *limbo* em relação à confirmação do seu amor. Florbela desenvolve uma fixação ao pai, que se desenrola, pela vida fora, na busca constante de um pai, através dos homens com quem casou e com quem se envolveu. O Édipo ficou por resolver e a identificação comprometida, ficando por uma androginia, segundo alguns autores, pois como mulher adoptou o papel, que viu às mães, a submissão, e do pai o marialvismo ou Dom Juanismo, que João Espanca protagonizou durante a sua vida, ao qual a filha assistiu. Desenvolve um Super Eu, mesquinho, em que os sentimentos de desvalorização e culpa, pela perda do objecto primário, são visíveis ao longo da sua obra e desde muito cedo.

Em todas as fases de desenvolvimento, provavelmente, Florbela ficou com carências graves para o resto da sua vida. Mas ao nível oral, ficaram muitas marcas.

A ansiedade constante, que a consumia, a dependência face aos objectos da sua vida (os homens), o desejo de ser amada, e a fragilidade da auto – imagem, são sinais de uma oralidade muito deficitária. Desde muito cedo se adivinha a doença que se instalou. A tristeza que acompanha a criança é manifestada logo nas suas primeiras poesias, aos oito anos de idade.

Podemos inferir através da biografia de Agustina Bessa Luís, que Florbela foi uma criança abandonada, mas ao mesmo tempo mimada pela madrinha. Esta satisfazia os seus caprichos e cobria-a de rendas e vestidos, como é descrito. Florbela revelou-se uma criança difícil e caprichosa, chorava e gritava reclamando e sobrevivendo. Não conheceu limites por parte da figura da autoridade (o pai), não viu o seu papel como mulher reconhecido, quando se exibiu para o pai, numa tentativa de resolução edipiana. Não se sentiu admirada por esse pai, que andava em busca de outros objectos femininos, não conheceu ainda os limites da fase anterior (fase anal/fase do não), em que gritava e chorava até ver satisfeitos os seus desejos, como é referido na biografia. Aprendeu a reprimir as emoções, uma vez que a madrinha não era dada a

sentimentalismos e o pai estava longe de manifestar o amor filial, levando Florbela a idealizá-lo, como mecanismo de defesa, mas também a viver esse amor mais num aspecto de cumplicidade do que pai/filha no caminhar para a resolução do conflito. Na impossibilidade de se identificar à mãe, surge a identificação ao pai, mas aqui sob uma forma de rivalidade, em que o pai tenta colmatar a deficiência da relação com a mãe, mas falha redondamente. A busca de uma boa paternação, que repare os danos sofridos na relação com a mãe, começa anos mais tarde através dos casamentos e outras ligações. Estão criadas através destas relações objectais nas diversas fases de desenvolvimento, as condições para uma estrutura de personalidade perturbada. Instala-se a neurose. Nasce a depressão.

3 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA NEUROSE/DEPRESSÃO

Para enquadrar teoricamente esta manifestação da neurose, e como temos vindo a descrever, ligamos a informação que recolhemos à teoria da Depressão de Coimbra de Matos.

Segundo o autor o deprimido é alguém que teve uma relação oral frustrante, onde que se sentiu abandonado. Os sentimentos de desamparo, desespero, vazio e solidão que Florbela refere ao longo da sua obra e desde muito cedo, articulam-se com a vivência de falta na relação oral e de carência de amor primário envolvente (A. C. Matos, 2001). No seguimento da relação oral frustrante, porventura, desenrolou-se um conflito anal sadomasoquista, em que o sofrimento começou por ser o elo que liga à realidade, e em que o embotamento e isolamento dos afectos levam a uma depressão larvar mais ou menos constante, com a possibilidade de regressões de cunho melancólico. Tudo isto foi possível recolher da biografia de Florbela. Os objectos da vida da poetisa foram objectos frustrantes. Há medida que o *Eu* ia aumentando a força, é agredido, e por reactividade agressiva e hostilidade já pré-existente, passa o objecto a agredir o sujeito. A relação de carência continua e duplica por uma relação de ódio mútuo, à mistura com amor recíproco, numa relação marcada pela ambivalência (A. C. Matos, 2001).

Para além desta conjuntura, o conflito edipiano não resolvido agrava a situação. A poetisa sentiu-se rejeitada pela mãe desde muito cedo, pois a madrinha, seguramente com a moralidade que lhe era própria, deve ter informado Bela sobre as circunstâncias do romance da sua mãe com o pai. O irmão Apeles, veio viver com a família do pai aos cinco anos, data em que a mãe fugiu abandonando-o. Mais um abandono a juntar ao dela. Na impossibilidade de se aproximar do pai, o conflito ficou latente sendo *desconversado* ao longo da vida conforme refere Agustina Bessa Luís.

No entanto, e tomando como referência Coimbra de Matos, mais uma vez, a génese da depressão, está no período de interacção fundamental em que se forma a estrutura básica da personalidade (até aos dois anos), e que no caso de Florbela se verifica. Foi retirada à mãe e, certamente, sentiu o desinteresse, a rejeição, e a recusa materna, de uma mãe também depressiva e

indisponível, ficando uma falha narcísica por preencher. A mãe é fundamental na organização narcísica da criança. O bebé vê-se através dos olhos da mãe, ou seja, constrói a sua imagem mediante a imagem que a mãe lhe devolve. Neste caso a mãe deu-lhe uma imagem de alguém que não era desejado o suficiente, que não deveria ter existido, e que não era objecto de amor. Esta seria a causa da depressão da poetisa.

Como já referimos, não conseguindo resolver o conflito edipiano, idealizou os objectos masculinos, numa busca constante de preenchimento narcísico, do qual se sentia vazia, como se verifica em alguns dos seus poemas. De toda esta organização psíquica resulta um Super Eu rígido, em que os ideais de perfeição abundam, a culpa é voltada para si, e cedo se começa a manifestar sobre a forma de somatizações que aparecem disfarçadas de maleitas, aparentemente sem importância. A melancolia instala-se muito cedo, fazendo de Bela uma criança triste, como se percebe logo nos primeiros escritos.

Outro factor que está na origem da depressão da poetisa é o facto da própria mãe ser também uma pessoa triste e depressiva. Consta que morreu com uma neurose. O que sabemos é que a influência da personalidade dos pais é o ponto de partida para o início da patologia. Dizia-se que Florbela tinha herdado os olhos tristes da mãe. Uma metáfora, que pode bem servir para ilustrar a melancolia que a mãe tinha e que transmitiu à filha.

De seguida apresentam-se *imagens* da obra da poetisa que demonstrem a hipótese levantada.

4 - DOR, TRISTEZA, PERDA E ABANDONO

Do olhar de Bela muitas páginas se têm escrito, principalmente acerca da sua tristeza. Um olhar que está bem visível nas imensas fotografias que João Espanca tirou à filha. Esse olhar aprendeu ela a fixar de forma que o pai não lhe lesse o medo imenso que tinha de ser abandonada, dizem alguns autores mais ou menos creíveis, mas todos florbelianos assumidos. A dor encontra sempre identificações na própria dor, como diz Coimbra de Matos, na sua obra “Depressão”. Daí que tantos sejam os adoradores da sua poesia.

Dessa dor encontramos, logo muito cedo, alusões bem explícitas: “ *A minha dor é um convento*”, terá proclamado ainda menina quando subia a uma cadeira e recitava para um público invisível. Em Novembro de 1903, com apenas sete anos terá escrito a sua primeira poesia “Vida e Morte”, tema tão pesado para uma criança, que se adivinhava precoce nas coisas do sofrimento. Terá dito: “ *Aos oito anos já fazia versos, já tinha insónias e já as coisas da vida me davam vontade de chorar.*”

A tristeza e solidão em que esteve mergulhada toda a vida, pois nunca se sentiu verdadeiramente amada, são visíveis no soneto “Hora que passa”, em que diz o seguinte: “ *Vejo-me triste, abandonada, só/ bem como um cão sem dono e que o procura/ mais pobre e desprezada do*

que Job/ a caminhar na via da amargura.” Podemos identificar o sentimento de abandono no primeiro verso, e a busca do amor no segundo “cão sem dono e que o procura”, certamente o amor do pai, podemos inferir.

Numa carta a Júlia Alves, amiga com quem se correspondia dizia o seguinte: “*É sempre triste a perda de um pai... E eu, que tenho ainda o meu, calculo a tua mágoa, se Deus me tivesse roubado o meu, que ainda assim não me quer como eu lhe quero!*” – consegue-se ver a dor de Florbela por não se sentir amada pelo pai. Já no fim da sua curta existência terá dito depois de várias noites sem dormir, com um enorme sentimento de solidão e de abandono: “*De mim ninguém gosta, de mim nunca ninguém gostou...*” – parece um esvaziamento da vida, agora já sem ilusão, sem busca da quimera.

No soneto “Eu” podemos encontrar porventura toda a angústia e dor, que lhe é própria desde o nascimento: “*Eu sou a que no mundo anda perdida/ Sou a crucificada a dolorida/ e que o destino amargo, triste e forte/ impele brutalmente para a morte/ alma de luto sempre incompreendida/ sou aquela que passa e ninguém vê/ sou a que chamam triste sem o ser/ sou talvez a visão que alguém sonhou/ alguém que veio ao mundo para me ver/ e que nunca na vida me encontrou!*”. Neste soneto estão ainda presentes os diversos lutos que foi fazendo ao longo da vida: da mãe, do pai (nas idealizações), dos filhos que não teve, e do irmão. Esses lutos foram a dor que carregou e que a faziam sentir velha. Com apenas 27 anos já dizia que era velha.

A perda e o abandono levam a uma desilusão progressiva: “*perdi os meus fantásticos castelos... Quis vencer, quis lutar, quis defende-los: Quebrei as minhas lanças uma a uma!*”. Dessa desilusão vai também decaindo um ideal do Eu visível em símbolos: “*Perdi a minha taça, o meu anel, a minha cota de aço, o meu corcel, perdi o meu elmo de ouro e pedrarias...*” um ideal do Eu, muito exacerbado, porque o Eu ideal, não satisfazia. Um preenchimento narcísico posto nos símbolos de riqueza e ostentação, mas que se escoam deixando o vazio narcísico. Ao mesmo tempo uma defesa pelos sentimentos de grandiosidade: “*Mostrem-me esse País onde eu nasci! Mostrem-me o Reino de que sou Infanta!*” – comparação às figuras da História, ainda recente, da Monarquia, em que perde algo, mas em que se subentende um pedido de ajuda.

A agonia e o desânimo são sentimentos que desde a sua infância revela. Sempre se achou velha. Podemos encontrar no soneto “Pior Velhice” uma imagem bem clara desses sentimentos: “*Sou velha e triste. Nunca o alvorecer/ Dum riso são andou na minha boca! / Gritando que me acudam em voz rouca, / Eu, naufraga na vida ando a morrer!*”.

O Eu que aparece nestas estrofes é um Eu fragmentado, que não solidificou, e muito desvalorizado. Num entanto, parece ser uma imagem de um Eu que se assume e se resigna com o destino, caminhando para um abismo, “*ando a morrer*”, “*naufraga*” - imagens do Eu moribundo.

5 - CULPA E DESVALORIZAÇÃO

Todo o deprimido, carrega consigo uma culpa enorme, pela perda do objecto, pois se ele partiu foi porque decerto não tinha encantos suficientes para o prender. De igual forma Florbela traz consigo esse sentimento, acompanhado de um sentimento de inferioridade imenso. No livro de “Soror Saudade”, no poema “O que tu és”, esse sentimento está muito explícito em alguns versos: “*És aquela que tudo entristece/ Irrita a amargura, tudo humilha/ Aquela a quem a mágoa chamou filha/ a que aos homens e a Deus nada merece.*”

Numa identidade pouco definida e, por vezes, quase andrógina, como dizia José Régio, adivinha-se a culpa em algumas estrofes: “*Num mundo de vaidades e pecados, sou mais um mau, sou mais um pecador...*” - aqui utiliza o Eu masculino, mostrando a fragilidade da identificação sexual, podemos inferir, sem contudo termos a certeza.

O sentimento de inferioridade que apresenta leva-a a escrever no soneto “Mendiga”: “*Agora vou andando e mendigando/ Sem que um olhar dos mundos infinitos/ Veja passar o verme rastejando...*” – essa inferioridade é uma característica da depressão, perante o objecto muito idealizado, que é bom, e que nunca fez nada de mal.

6 – BUSCA DO IDEAL, DE IDENTIDADE E DO AMOR

A procura foi sempre uma constante da vida da poetisa. Busca do príncipe encantado (Prince Charmant), em que esse amor idealizado, fica pela procura, na impossibilidade de encontrar aquele por quem se anseia: a confirmação do amor do pai e da sua identidade, já que foi filha ilegítima, clandestina, sem direito a existir. Permitia-se a existência através da poesia. Procurava o amor. Idealizava-o através do príncipe que a viria salvar, depois de ter partido. “*E nunca O encontrei!...Prince Charmant/ Como audaz cavaleiro em velhas lendas/ Virá talvez, nas névoas da manhã!*” Estas três estrofes, por um lado, mostram a idealização do objecto (Prince), como um ser superior, que poderia surgir do nada (Nevoeiro), para a salvar. Mostram, ainda, a negação da possibilidade de encontrar o amor e ter um desenlace feliz em vida, como se isso lhe fosse impossível. Um ideal inatingível. Por outro lado, a imagem do príncipe aqui, alude a D. Sebastião, que um dia desapareceu em Marrocos, envolto em nevoeiro. Podemos interpretar como sendo a figura do pai (tão amado e tão idealizado), mas inatingível e que um dia também desapareceu durante meses, em Marrocos, quando ainda era menina.

Uma das imagens que mostram melhor a idealização é o poema “Ser Poeta”: “*Ser poeta é ser mais alto, é ser maior...*” – uma imagem de um ser superior, idealizado, sonhado, e aspirado, como meta, que abafaria todo o sofrimento, tornando-a num ser inatingível, logo, livre de sofrimento.

Como já referimos anteriormente, a identidade de Florbela, é uma identidade dúbia. Na sua obra, umas vezes aparece como ser feminino, em que exalta a condição de ser mulher, e noutras a um ser que é masculino, um poeta. Como refere Cláudia Alonso, no livro “As imagens do eu na poesia de Florbela”, a poetisa adoptou nomes que têm interpretação masculina: “*Minhas horas de dor em que eu sou santo!*”, santo é masculino, porque o feminino será santa, ao contrário de poeta, que também se refere à forma feminina. A identidade sexual de Florbela, não ficou bem estruturada, pois parece que o conflito edipiano, ficou *desconversado* e sem resolução. Por outro lado, podemos inferir também a sua enorme dificuldade em falar do desejo físico, por ser mulher, e porque as normas sociais vigentes na altura não aceitavam bem que as mulheres tivessem desejo. Esse era um privilégio masculino. A mulher era para *servir* o homem. Reagiu a esse preconceito com indiferença: “*Que diga o mundo e a gente o que quiser! O que é que isso me faz?...O que é que isso me importa?...*”.

Florbela parece ainda reagir à desdenha da sociedade, que não a aceita, quer como poeta que se proclama (só uma vez se refere a si como poetisa), quer como mulher, para quem as regras morais, ficaram desvanecidas lá na infância, numa parentalidade que se mostrava flexível e promíscua, sem os valores da época. Conta-se que chegou a ser apedrejada no Chiado, por se vestir de homem. Dessa reacção aos ditames da sociedade temos esta imagem: “*E gritam então os vis:” Olhem, vejam/ É aquela a infame!” e apedrejam/ A pobrezita, a triste, a desgraçada!*”.

Florbela aparece ainda com um ser desprovido de identidade em alguns sonetos da sua obra: “*Sonho que sou Alguém cá neste mundo...*” como se, na realidade, não existisse. Como se fosse apenas uma quimera. *Alguém*, ser superior, mas sem identidade. Homem e mulher, numa fusão onde ocorre uma luta para emergir apenas um.

7 – EXALTAÇÃO E NARCISISMO

No poema “Eu” transparece uma imagem de um Eu desvalorizado, sofrido, esvanecido como diz no poema (sombra *de névoa ténue e esvaecida*), mas resignado ao seu destino, a desistir de lutar. Estas são imagens de fases de tristeza e abatimento. Mas Florbela tinha momentos em que parecia lutar, com vontade de mudar e de viver, e em que exaltava a vida quase de forma maníaca:

“Exaltação”

Viver!... Beber o vento e o sol!... Erguer

Ao Céu os corações a palpitar!

Deus fez os nossos braços para prender,

E a boca fez-se sangue para beijar!

A chama sempre rubra, ao alto, a arder!...

Asas sempre perdidas a pairar,

Mais alto para as estrelas desprender!...

A glória!...A fama!...O orgulho de criar!...

Aqui apresenta-se uma Florbela lutadora que em nada se parece com a do poema “Eu”, com uma auto imagem forte, exaltada, na ânsia de viver e de alcançar fama, glória, num Eu mais uma vez idealizado, pois o Eu ideal, não satisfazia. Podemos inferir através da sua obra que o estado depressivo de Florbela é acompanhado de episódios maníacos. Sendo, no entanto, o estado de tristeza a prevalecer.

Florbela ao longo da sua vida manteve-se num estado de depressividade¹ em que a sensação de esgotamento do Eu, que se traduz por um sentimento de inferioridade, resultou num esforço para não se deixar deprimir. Esse esforço traduz-se, por vezes, numa sensação de vazio que se pode interpretar como sendo um esvaziamento narcísico, visível neste verso: “ *Mas quando despertei, nem uma vi, / Que da minha alma, Alguém, tudo levou!*” possivelmente a mãe, que a abandonou, deixando-a vazia.

Ao longo da sua obra a imagem de dor e tristeza está sempre associada a um mal que ela refere: “ *Eu sei o nome do meu estranho mal: Eu sei que fui a renda de um vitral, Que fui cipreste, e caravela, e dor!*”. O mal será talvez os diversos estádios da sua infância que a tornaram no que é. Ao mesmo tempo sabe que nesses estados, não foi amada por si, mas pelo que poderia servir aos outros. Para a mãe e para a madrinha serviu como objecto de exibição narcísica: “ *Eu sei que fui a renda de um vitral*”. Quanto ao Cipreste, árvore dos cemitérios, é uma imagem da angústia de abandono – os mortos não fazem mal, são melhor companhia que os vivos. A Caravela, é algo que percorreu muitos mares, está cansada, perdida, e exilada, como diz no poema “ Caravelas”, do Livro de Soror Saudade. Quanto à dor, essa é a eterna companheira. A que não desilude. A única que fica.

A Florbela foi-lhe atribuído um Dom Juanismo de saias que não é mais que a manifestação de um narcisismo que se adivinhava, pela história de vida que lhe conhecemos. Sendo a capacidade de pensar exercitada através dos sentidos, Florbela não fugiu à regra deste tipo humano, como refere Agustina Bessa Luís, e nos seus amores, vai buscando o prazer através das sensações de exaltação do amor. Esta é a realidade dos narcisistas. Florbela tem gostos requintados. Veste bem, priva com gente distinta e sonha com a fama através da estética, na forma de poesia. Procura em vão a imagem reflectida no lago, como Narciso. Na impossibilidade de ver o reflexo, é nos outros que o busca até

ao fim dos seus dias como confirmação de algo que ficou perdido na infância: o amor da mãe. O amor procurou-o toda a vida. Ser amada era o seu objectivo. Nunca o encontrou.

A 7 de Dezembro de 1930, morre a Florbela, a poetisa incompreendida que proclama o amor em:

Eu quero amar,

Amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui...além...

BIBLIOGRAFIA:

Alonso, C. P. (1994). *Imagens do Eu na poesia de Florbela Espanca*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Bessa – Luís, A. (1976). *Florbela Espanca*. Lisboa: Guimarães Editores.

Matos, A. C. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.

Silva, C. (2005). *Bela*. Lisboa: Âmbar.

www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela_espanca/biografia.html

www.mulheres-ps20.ipp.pt/Florb-Espanca.htm

www.suigeneris.pro.br/literatura_sororsfe.htm